

## O “Escudo da *Presciencia*”: Vieira, seu tempo e algumas análises de sua obra

Leandro Garcia Pinho\*

[lgpinho@uol.com.br]

### Sinopse

Este artigo pretende discutir a produção da obra do padre jesuíta Antônio Vieira à luz de algumas das principais abordagens que se dedicaram ao estudo da produção escrita desse autor “lusó-brasileiro” dos seiscentos.

**Palavras-chave:** Brasil Colonial, Jesuítas, Antônio Vieira.

### Abstract

The following article intends to discuss the writing process of Antonio Vieira's works. As it does this, it takes into account the main approaches on the written work of this seventeenth century Lusitanian-Brazilian author.

**Keywords:** Colonial Brazil, Jesuits, Antônio Vieira.

---

### Introdução

“Era aquelle labyrintho por huma parte muy escuro, e por outra muy intricado; e para vencer e facilitar estas duas difficuldades se inventou entrar nelle, não só com tochas, mas tambem com fio: as tochas para ver o escuro dos caminhos, e o fio para entrar e sahir pelo intricado delles. Por este modo entraremos nós tambem pelo escuro e intricado labyrintho dos futuros. As profecias e os

---

\*Professor e Coordenador do Curso de História da Fundação Cultural e Educacional São José – Itaperuna-RJ, Professor de História do Brasil da Faculdade Redentor - Itaperuna-RJ. Mestre em História (UNICAMP) e doutorando em Ciência da Religião (PPCIR-UFJF). Professor-pesquisador do CenPE (Centro de Pesquisa e Extensão da Fundação Cultural e Educacional São José – Itaperuna-RJ).

doutores nos servirão de tochas; o entendimento e o discurso de fio”.<sup>1</sup>

Segundo Octávio Paz a “obra sobrevive aos seus leitores” quando, depois de muitos anos, é lida por outros que lhe impõem diferentes sistemas de leitura e interpretações.<sup>2</sup> Assim não foi diferente com a obra do jesuíta Antônio Vieira. “Habitante” dos seiscentos, pertencente a uma das mais importantes ordens religiosas da Cristandade Ocidental de seu tempo, Vieira não só fez de sua vida uma constante missão, como também deixou-nos inúmeras construções textuais, frutos de suas ações (*Sermões e Cartas*) e pensamentos (*Clavis Prophetarum, História do Futuro, Apologia das coisas profetizadas, Defesa perante o Santo Ofício*, entre outros). Muitos desses escritos, porém, não foram terminados pelo autor ou sequer publicados no tempo de sua vida. Para muitos que se debruçaram sobre essa agigantada produção, a obra de Vieira transparece nas palavras de muitos pensadores como “fonte ambígua”. Isto é particularmente evidente no seu vasto sermonário e suas infindáveis missivas, textos que, muitas vezes “reescritos por ele perto do fim da vida para servirem *a posteriori* como justificção de ações”, acabaram marcados por “uma retórica barroca complexa”.<sup>3</sup> Sobre estes textos, quando utilizados por historiadores, recomenda-se até que sejam “utilizados com inúmeras precauções”.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Antônio VIEIRA, *Livro Antepimeiro*, p. 159. Obs.: As referências diretas ao texto da *História do Futuro* e/ou *Livro Antepimeiro* respeitam, neste trabalho, a transcrição feita por Besselaar em sua edição crítica desta obra de Vieira. Apesar de não estarem atualizadas, como julga ter feito M.L.C.Buescu, para sua edição da mesma obra de Vieira, essas referências nos pareceram o caminho mais próximo dos manuscritos deixados incompletos pelo jesuíta.

<sup>2</sup> Octavio PAZ, *Sóror Juana Inés de la Cruz: armadilhas da fé*, p. 20.

<sup>3</sup>Muito controverso, o termo “barroco” aparece como um “conceito que tanto pode designar um estilo artístico, literário ou musical quanto um período cronológico ou mesmo uma certa mentalidade”. Aplicado “igualmente à música e à literatura, não tardou a ser absorvido pelos historiadores, que identificaram na expressão *idade barroca* um termo cômodo para designar o tumultuado século XVII, dando origem a uma vasta bibliografia, sobretudo na Itália, Alemanha e Península Ibérica”. Em vários campos, como nas artes plásticas, na música, na arquitetura, este estilo possui caracterizações próprias. “Na literatura, destaca-se o estilo ornamentado, o emprego das antíteses e das hipérboles, o jogo de palavras, que valoriza as composições como os *acrósticos*.” A controvérsia quanto à caracterização mais apropriada para o termo advém muitas vezes da idéia de que “qualquer uma dessas características pode estar ausente de uma obra particular, tipicamente barroca, e manifestar-se em outras de estilo ou período diverso”. In: Ronaldo VAINFAS (dir.), *Dicionário do Brasil Colonial 1500-1808*, p. 68-70.

<sup>4</sup> Existe todavia, uma outra categoria de textos de Vieira, menos prestigiados do ponto de vista literário, mas historicamente muito ricos: são os textos administrativos, para aplicação prática, escritos no contexto das responsabilidades que incumbiam ao padre jesuíta”. p. 56. In: Charlotte

Assim, sobrevivendo ao século que a produziu, a obra de Vieira chega até nós muito analisada e calcada por grande fragmentação analítica, muitas vezes até incompatíveis com a obra em si. De certa forma, para compreendermos melhor a especificidade do texto vieiriano, devemos destacar continuidades e descontinuidades sempre presentes em todos os contextos históricos e em todos os pensadores, queiram ou não eles. Assim, desconectar determinado aspecto ou obra de Vieira de toda sua produção pode parecer trabalho além de pretensioso, desconcertante. Ao se fazer uma leitura apurada dos diferentes textos que compõem a produção escrita de Vieira, muitos indícios mostravam que os principais temas, como por exemplo a natureza “profética” do jesuíta, atrelavam-se a vários outros escritos deixados por ele em outros contextos e por toda a sua obra e vida. Esse procedimento pode levar à compreensão ao menos de parte das continuidades existentes entre Vieira e seu contexto histórico específico, além de sua bagagem cultural judaico-cristã.

Não pretendo aqui analisar toda a obra de Vieira, nem tão pouco toda sua vida. Perpasso algumas colocações que compreendem análises gerais sobre o pensamento Ocidental no século XVII luso-brasileiro, além de um panorama sobre algumas questões relativas à própria leitura crítica da obra de Vieira.

## **1 O “escudo da presciencia”<sup>5</sup>: Vieira, seu tempo e algumas análises de sua obra**

“Este mundo he um theatro, os homens as figuras que nelle representão, e a historia verdadeyra de seus sucessos huma comedia de Deos traçada e disposta maravilhosamente pelas idades de sua Providencia”.<sup>6</sup>

Vieira, em um trecho de seus escritos que iriam compor sua *História do Futuro*, enuncia, parafraseando São Gregório, que sua *História* nada mais seria

---

de CASTELNAU-L'ÉSTOILE, *Salvar-se, salvando os outros: o Padre António Vieira, missionário no Maranhão – 1652-1661*, p. 55.

<sup>5</sup> António VIEIRA, *Livro Antepimeiro*, p. 115.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 172.

do que um “escudo da presciencia”. Para o jesuíta, o conhecimento do futuro ajudaria os homens a se armarem de um “escudo” capaz de defendê-los dos perigos do mar, da terra e do mundo. Conquistas, batalhas, inimigos seriam, diante da proteção do “escudo” do conhecimento futuro, contemplados com mais vigor e maior engajamento, e mesmo que não se tornassem mais fáceis, ao menos seriam mais entusiásticas as ações que levassem às vitórias.

Capaz de interpretar e absorver grande parte do conhecimento do mundo que o cercava, Vieira faz muitas vezes de sua vida um “escudo fortíssimo de presciencia”.<sup>7</sup> Analisando o presente, tendo por base o passado, o jesuíta achava-se imbuído do papel de ao propagar o Evangelho não omitir uma análise de seu tempo voltada para os contextos vindouros. Sua vida revela uma aventura baseada na ação constante frente à problemática de seu contexto histórico e um pensamento como parte fundamental de sua ação. Uma ação que revela paciência de persistir em suas “batalhas” pela conquista de um lugar no mundo de Corte do Reino de Portugal, por fazer sua voz ser ouvida, mesmo quando não necessariamente fosse o momento certo de proclamá-la. Para isso, consciente de sua ação missionária e de seu apelo político, Vieira entende-se como sujeito na grande história do Estado Português e grande conhecedor da inserção da história deste reino no contexto da história da cristandade como um todo.

## **2 O século XVII e seus “espelhos paralelos”**

O problema central do pensamento no século XVII liga-se diretamente à questão da subjetividade que tenta “afirmar-se através da visão talvez mais larga e mais profunda da realidade”, tendo-se em comparação este contexto dos seiscentos em relação ao Renascimento. O *império da razão* do período renascentista, também chamado de “nova idade clássica”, distancia-se da esfera da “objetividade presencialista” como também de uma estreita concepção empírico-psicológica. A nova conquista do período posterior ao Renascimento estaria envolta pela subjetividade, entendida como uma conquista que ultrapassa a “órbita da simples existência contingente e da actividade arbitrária, casual e

transitória”, para que com isso houvesse a tentativa do encontro com a sua “especificidade formal”.<sup>8</sup>

De acordo com Buescu, o contexto da produção barroca estaria ligado a concepções mais aproximadas de uma “aspiral”, de uma “labareda”, de um “espelho” ou mesmo de “espelhos paralelos” que se projetariam no infinito. Era a necessidade de uma busca de algo que se distanciaria cada vez mais da racionalidade e, inversamente, se aproximaria com maior veemência de um universo visionário.<sup>9</sup>

Além disso, o século XVII, segundo João Adolfo Hansen, conhece o “discurso engenhoso”, onde os “termos se empregam como seres em si”, podendo assim, “ser trabalhados como matéria de que se derivam outros”. Neste sentido, tais nomes mantêm entre si correlações que pouco se referem à “linearidade postulada pelo modo cartesiano de representar”. É um discurso que rompe com a discursividade, condicionando o espírito do leitor e do ouvinte, mediante o caráter das surpresas e relações que expressam conceitos diversos através das palavras.<sup>10</sup>

Para Portugal, no âmbito político especificamente, o século XVII iniciava-se com profundas mudanças em relação ao século anterior. Através da União Ibérica os portugueses são obrigados a conviver com o domínio espanhol.<sup>11</sup> Momentos de incertezas e saudosismos em relação aos tempos áureos marcam o início do XVII para o Império português. Momentos estes que irão deixar na história luso-brasileira a presença de caracteres messiânicos, milenaristas e proféticos em larga escala.

Vários problemas afligiram o século XVII, principalmente nas terras coloniais portuguesas na América. Assim sendo, Vieira defrontou-se na colônia brasileira com diversas situações de significações as mais variadas. A sociedade desse território português, como grande parte da Europa que ajuda a compor o Novo Mundo, era discriminadora e racista, a escravização de índios e negros

---

<sup>7</sup> São Gregório apud A. VIEIRA, *Ibidem*, p.114.

<sup>8</sup> M.L.C. BUESCU, “Introdução”, In: António VIEIRA, *História do Futuro*, p. 09-10.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.10.

<sup>10</sup> João Adolfo HANSEN, “Vieira, estilo do céu, xadrez de palavras”, p. 175.

<sup>11</sup> “A derrota lusitana diante dos mouros na batalha de Alcácer Quibir, no Norte da África, impôs ao reino a perda do jovem d. Sebastião, desaparecido nas areias do Marrocos em 1578, e da autonomia política, dois anos depois.” In: Jacqueline HERMANN, *1580-1600 O sonho da salvação*, p. 09.

estava disseminada por todo território habitado pelos europeus, a guerra e seu variado cortejo de horrores prolongava-se por regiões como o Nordeste. Era um mundo onde as restrições à liberdade de pensamento e ao desenvolvimento cultural faziam parte do cotidiano. Além das dificuldades e crises econômicas, a grande maioria dos colonos enviados pela metrópole portuguesa para as terras brasílicas era caracterizada pela rudeza de costumes e comportamento. Vieira, que por aqui viveu praticamente metade de sua extensa vida, também presenciou a constante “exploração e a espoliação da colônia brasileira, a incompetência administrativa, os tributos extorsivos, a ladroagem e a corrupção e as tolices da burocracia!”<sup>12</sup>

Enfim, o século em que Vieira perpassa toda sua vida marcar-se-ia pelo combate à heresia, através da força do Tribunal do Santo Ofício, da Inquisição, pela reafirmação constante dos dogmas cristãos corporificando a Contra-Reforma que se definia no século anterior e fazia-se mais que onipresente nos seiscentos, elevando os espíritos à exaltação da fé católica, o “espírito afirmativo e positivo, da teatralidade” e propagação de idéias milenaristas.<sup>13</sup> Para o âmbito específico da vida de Vieira, esse contexto caracterizava-se pela imensidão do Império português, presente tanto na Ásia, África e América (apesar de nas primeiras décadas estar sob o domínio espanhol) e, mesmo em decadência em relação ao contexto anterior aos seiscentos, ainda estendia-se dominando grandes porções então exploradas do globo.

### **3 O “corpus profético vieiriano”**

Esse conturbado contexto colonial, pleno de elementos singulares e múltiplos, acabaria por produzir nos escritos de Vieira forte influência,<sup>14</sup> ou seja, a influência do meio onde este jesuíta crescera seria relevante à sua formação.

---

<sup>12</sup> Magno VILELA, *Uma questão de igualdade: Antônio Vieira e a escravidão negra na Bahia do século XVII*, p. 65.

<sup>13</sup> Antônio Vaz PINTO, *A Imagem de Deus na obra e ação do Padre Antônio Vieira*, p.14.

<sup>14</sup> Diversos são os textos que tratam da relação dos escritos e da vida de Vieira com a colônia brasílica. Ver por exemplo: Alfredo BOSI, *Vieira ou a cruz da igualdade*; Serafim LEITE, *O pe. Antônio Vieira e as ciências sacras no Brasil*; Luiz F. B. NEVES, *Vieira e a imaginação social*

Seguindo as idéias propostas por Buescu, vê-se que a obra desse jesuíta representaria um contundente testemunho do período anteriormente relacionado de transição do Renascimento ao espírito do Barroco, encabeçado numa “nova angústia e numa nova maneira de estar no mundo”,<sup>15</sup> uma nova postura, não linear, mas coerente, capaz de compor de forma bastante profícua uma construção imagética complexa e enriquecedora.

Essa nova postura em relação ao mundo faz com que, para muitos estudiosos de Vieira, sua obra seja encarada como “paradoxal e contraditória”. Isso pode ser notado até mesmo nas idéias de Buescu.<sup>16</sup> Entender sob este ângulo uma tão vasta produção como a obra vieiriana — dotada de uma profunda imersão “nos acontecimentos, nos temas e nas questões do tempo” em que esse jesuíta viveu<sup>17</sup> — talvez reduza demais a interpretação. Analisar sua obra sob a perspectiva da contradição parece, de certa forma, compor um quadro limitado da produção escrita de Vieira. Essa suposta “contradição” parece, na verdade, esconder balizas muito bem fundadas de uma estrutura de pensamento coerente com a construção desejada. Assim, parece que tentar compreender a múltipla obra de Vieira tendo como base inicial o paradoxo e a contradição, leva-nos no máximo a limitações interpretativas pouco enriquecedoras.

A *sacramentalidade* e a propriedade “retórico-política”, tendo como fonte permeabilizante desta construção a estrutura teológica, parece-nos, como mostra Alcir Pécora, o caminho mais seguro a ser seguido para iniciarmos uma análise da obra de Vieira. Tendo tratado em seu mais importante estudo publicado sobre a obra de Vieira, *Teatro do Sacramento*, de analisar os sermões vieirianos, Pécora constrói um arcabouço teórico bastante profícuo que também pode ser utilizado para se analisar outras obras do mesmo jesuíta.

No que diz respeito aos sermões vieirianos, esse conjunto de sua obra liga-se diretamente ao escopo da totalidade do mundo que Vieira presenciou. Apesar de sua constante ligação com o real que o envolvia, “não é possível investigar com um mínimo de responsabilidade histórica o sentido das colocações mais

---

*jesuítica*: Maranhão e Grão-Pará no século XVII; Magno VILELA, *Uma questão de igualdade*: Antônio Vieira e a escravidão negra na Bahia do século XVII; entre outros.

<sup>15</sup> M.L.C. BUESCU, op. cit., p. 10.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Alcir PÉCORA, *Teatro do Sacramento*: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira, p. 39.



fundamentais” de Vieira sem a “irremovível teologia” expressa em toda sua obra.<sup>18</sup> Deve-se sempre ter em mente, como destaca Pécora sobre a obra de Vieira, as questões de uma filosofia política acomodada a um projeto da cristandade na história.<sup>19</sup> Vieira, no século XVII, apresentou-se como o principal formulador do mais importante “mito cultural” português, o do Quinto Império, ligado diretamente ao pensamento sebastianista.<sup>20</sup>

Nesse sentido — da construção sebastianista, com generosas doses de messianismo e profetismo por toda a obra Vieira —, as colocações de Jacqueline Hermann são importantes serem lembradas. Segundo essa autora, Vieira, o “ilustre jesuíta da época do barroco português”, acabou por transformar o sebastianismo em joanismo, fazendo de D. João IV o rei esperado das profecias de Bandarra. Seus escritos proféticos acabaram sendo alvo de investigação e condenação inquisitorial, uma vez que neles estava explícita a influência de um difuso messianismo de fundo judaico “que ainda sobrevivia entre os letrados, mais de um século depois do estabelecimento da Inquisição em Portugal”.<sup>21</sup>

Assim como os profetas bíblicos, Vieira via a si mesmo empenhado numa dupla função. De um lado, suas idéias caminhavam numa tentativa de corrigir a sociedade mediante a denúncia pública de suas injustiças e pecados, ameaçando-a com a justiça divina e, de outro, “levantar a esperança, mediante o anúncio de uma intervenção próxima de Deus”, o que exigiria a criação de uma “nova era, novos céus e nova terra”.<sup>22</sup> O âmbito político e o religioso caminhavam lado a lado na construção das idéias vieirianas, um intrínseco ao outro sem, na verdade, serem concorrentes.

O jovem Vieira, embarcando para o Brasil com seus pais por volta dos oito anos de idade, chega à Bahia em 1616.<sup>23</sup> Entra como noviço para a Companhia em 1623, professando seus votos a 6 de Maio de 1625. Tão logo inicia sua aprendizagem das línguas *brasílicas* une seu desejo de propagar o Evangelho

---

<sup>18</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>21</sup> Jacqueline HERMANN, *No Reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal - séculos XVI e XVII*, p. 225.

<sup>22</sup> Luis Gómez PALACÍN, *Vieira: entre o reino imperfeito e o reino consumado*, p. 31.

<sup>23</sup> Vieira, segundo registros, desembarca na Bahia a 20 de janeiro de 1616, e nesse desembarque por pouco ele não se perde, juntamente com sua família nos baixos da Paraíba. In: Rui CARITA, *O padre António Vieira e os colégios das Ilhas*, p. 76.



entre os índios do Brasil, com seus dotes de orador. É mandado a Pernambuco, passando a reger a cadeira de Retórica do Colégio de Olinda. Ali continuou seus estudos de Teologia, tomando ordens sacras em 1635, a 13 de dezembro.<sup>24</sup>

Tendo vivido no seio da Igreja, “*in medio Ecclesiae*”, Vieira viveu sob os auspícios da Companhia de Jesus e sob os desígnios dos princípios papais. Seu “discurso engenhoso” versou enormemente sobre questões políticas, mas suas idéias jamais o levaram ao distanciamento da Companhia, carro-chefe da Contra-Reforma papal.<sup>25</sup> Segundo Vilela, Vieira soube muito bem praticar a obediência, “assim como também soube tergiversar e dizer não, quando algumas de suas mais caras convicções pessoais estavam em questão”: diante da aterrorizadora Inquisição — que suspeitava de suas idéias messiânicas e de sua simpatia por judeus e cristãos-novos —; no período de pelo menos quatro anos, que trava um combate tenaz, com uma persistência admirável, onde ele fez de tudo para não ceder ao “temível adversário, afirmando, enquanto pôde, que o que pensava e fazia era por zelo da fé, como operário do Evangelho”.<sup>26</sup> Assim é o que podemos perceber sobre a “unidade retórico-político-teológica” da obra de Vieira.<sup>27</sup>

#### 4 As bases da educação letrada de Vieira

Vindo para a América portuguesa ainda na infância Vieira, em Salvador, estuda sob os princípios da Companhia de Jesus, como enunciado acima. Tendo-se em vista a parca propagação letrada no Brasil, a Companhia ainda conseguia resultados interessantes para a formação de parte da elite letrada e intelectual da

---

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> De acordo com João Adolfo Hansen, “Vieira não recusa o conceito engenhoso, mas sim o conceito engenhoso aplicado sem proporção teológica, que se torna enigmático e autonomizado”. In: J.A. HANSEN apud Alcir PÉCORA, *Teatro do sacramento*, p. 33.

<sup>26</sup> Magno VILELA, op. cit., p. 90.

<sup>27</sup> Sobre a diversidade dos aspectos da vida e obra de Vieira, M. Paulo FILHO, autor do *Prefácio* da obra de referência sobre Vieira escrita por Ivan Lins, tem palavras que nos mostram o tom em geral apresentado pelos mais diferentes trabalhos já escritos acerca da obra vieiriana. Segundo Paulo Filho, esse “ilustre e famoso” jesuíta, autor de diversos *Sermões*, de inúmeras *Cartas* e outros interessantes trabalhos, teria ido muito além, “pela ação tenaz, constante, cheia de beleza e de atitudes desassombradas, despenhou, nas diversas cortes européias, em Portugal e no Brasil, uma tarefa de eminência indiscutível como político, pregador e evangelista, no velho como no novo Continente”. Conclui, por fim, que uma vez encarados sob “esse ponto de vista, no seu meio e no seu tempo, ninguém o excedeu”. In: Ivan LINS, *Aspectos do padre Antônio Vieira*, p. 09.

colônia.<sup>28</sup> Vieira ingressa na Companhia aos quinze anos em, ao que parece, uma atitude realizada sem o consentimento da família. Recebido na Ordem pelo então reitor Fernão Cardim, Vieira, após dois anos, profere os primeiros votos, “comprometendo-se a viver na Ordem segundo as regras do fundador Inácio de Loyola”.<sup>29</sup>

Sobre a questão da formação cultural e intelectual no mundo colonial ibérico podemos destacar algumas colocações feitas por Octávio Paz. Ao analisar num sentido mais limitado a palavra cultura, Paz, referindo-se diretamente à questão da instrução (“produção e comunicação de novidades intelectuais, artísticas e filosóficas”), relata que na América hispânica somente uma pequena parcela da população podia ser chamada de culta. Somente uma minoria possuía acesso “às duas grandes instituições educativas da época, a Igreja e a Universidade”.<sup>30</sup> Apesar de não se ter desenvolvido a instituição universitária nas terras da colônia portuguesa, é nos colégios religiosos que a grande maioria dos filhos da elite colonial vai presenciar seu primeiro contato com a cultura letrada.<sup>31</sup>

Era uma cultura “douta e para doutos”. A coloração religiosa era a marca dessa sociedade. Em torno da teologia, “rainha das ciências”, é que se ordenava o saber. Mas, além disso, Paz destaca que outro aspecto curioso era a “fusão da tradição cristã e o humanismo clássico: a Bíblia e Ovídio, Santo Agostinho e Cícero, Santa Catarina e sibila Eritreia”.<sup>32</sup> E essa fusão pode ser vista em escritos como a *História do Futuro* de Vieira.

---

<sup>28</sup> “Chegando à Bahia, o menino Antônio Vieira, que havia aprendido a ler e escrever com sua mãe, começou a freqüentar as aulas do Colégio dos Jesuítas, recebendo ao mesmo tempo uma formação humanística e religiosa, de acordo com as orientações e a prática da Companhia de Jesus”. No percurso de seus estudos no Colégio jesuítico, Vieira passou a ser visto “como o maior de todos os jesuítas do Brasil colonial. Sua fama de pregador começou cedo, e logo ultrapassou os estreitos limites da Bahia e do Brasil de então”. In: Magno VILELA, op. cit., p. 44-45.

<sup>29</sup> Beatriz Catão Cruz SANTOS, *O pináculo do temp(l)o: o Sermão do Padre Antônio Vieira e o Maranhão do século XVII*, p. 23.

<sup>30</sup> Octavio PAZ, op.cit., p. 73.

<sup>31</sup> “As manifestações literárias do período colonial brasileiro se confundiam com a atividade prática (era o sermão, o relatório, a polêmica, a catequese) ou fechavam-se entre as classes dominantes de letrados, com tendência ao formalismo. Pesava inteiramente sobre a obra o destino que ela teria, ou seja, a quem e a que ela servia? As manifestações literárias até a segunda metade do século XVIII se realizaram no Brasil sob o signo da religião e da transfiguração. Dentro desse esquema, a literatura religiosa foi a “grande diretriz ideológica, justificando a conquista, a catequese, a defesa contra o estrangeiro, a própria cultura intelectual”. Ver: Sérgio Buarque de HOLANDA, *História Geral da Civilização Brasileira: I - A Época Colonial*, vol. 2., p. 92. E/ou: Antônio CANDIDO, *Literatura e Sociedade*, p. 83-85. Sobre a elite letrada na América Latina ver: Angel RAMA, *Lettered city*.

<sup>32</sup> Octavio PAZ, op.cit., p. 73.

Essa época distinguiu-se também por apresentar-se como uma cultura antes de tudo verbal, expressa pelo púlpito, pela cátedra e pela tertúlia. A publicação de livros era rara, e quase todos eram religiosos.<sup>33</sup> Na América Portuguesa a situação não era diferente. Rareavam a instrução escolar e os livros. Assim, “em muitos espaços, falavam-se ‘línguas gerais’ de origem tupi”, evidenciando-se a distância que alargava ainda mais “a Colônia do Reino, sinalizando que a primeira era menos ‘civilizada’ e, por conseguinte, justificando a preservação do vínculo colonial”.<sup>34</sup> A vida prática e rude era colocada cotidianamente aos colonos no Brasil parecendo não haver espaço para uma instrução num mundo tão rudimentar. O esquema soava como o seguinte: “mais do que polir, cabia, na perspectiva das autoridades, cultivar a obediência, e, aos olhos das camadas mais humildes, garantir a sobrevivência”.<sup>35</sup>

Como a educação, que era deficiente, o início da nossa colonização (principalmente no que diz respeito à América Portuguesa) também foi muito carente de livros. De acordo com Russel-Wood, a “coroa desenvolvia uma política de imperialismo cultural”.<sup>36</sup> Apesar disso, os primeiros livros acabaram chegando e, provavelmente, pelas mãos dos jesuítas. Esses missionários copiavam até mesmo à mão os livros, no intuito de seus alunos e discípulos poderem estudar.<sup>37</sup> Eles faziam pedidos de remessas de obras para a Colônia. Pediam manuais de confissão, catecismos e outras obras para o auxílio na propagação da fé cristã.<sup>38</sup>

Em meio a esse contexto, o colégio de Salvador pode ser considerado como um “clarão benfazejo, disseminando tanto quanto possível a educação e o saber”. Se considerarmos os obstáculos impostos pela censura e pelas restrições

---

<sup>33</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>34</sup> Luiz Carlos VILLALTA, *O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura*, IN: Laura de Mello e SOUZA (org.), *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*, p. 333.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Segundo esse autor, durante o período colonial “repetidas solitações foram rejeitadas acerca da criação de universidade na colônia. Afora os colégios jesuítas, não existia oportunidade para uma educação mais elevada na colônia, fazendo com que as pessoas nascidas no Brasil fossem enviadas para as universidades européias em busca de títulos superiores”. In: A.J.R. RUSSEL-WOOD, “Centros e periferias no mundo Luso-Brasileiro, 1500-1808”. In: *Revista Brasileira de História*, v.18, n.36, 1998, p. 194.

<sup>37</sup> Segundo Rioldo Azzi, “a falta de centros universitários bem como a proibição de tipografias e o veto da Coroa a possíveis publicações brasileiras fizeram com que poucas obras de reflexão fossem publicadas no período colonial, e mesmo assim só em edições lusitanas”. In: Rioldo AZZI, *A cristandade colonial: mito e ideologia*, p. 09.

<sup>38</sup> Luiz Carlos VILLALTA, op. cit., p. 360.

das autoridades civis e eclesiásticas, havia ali uma biblioteca de muito boa qualidade. Nesta biblioteca — lembremos, pertencente a um colégio religioso — podiam ser encontrados livros de autores cristãos e até mesmo não-cristãos. A leitura de escritos de autores e poetas pagãos — como Ovídio, Sêneca, Cícero, Valério Máximo, Quintiliano, e também filósofos antigos como Aristóteles e Platão — estava disponível. No âmbito da ortodoxia, poderiam ser encontradas obras de importantes autores cristãos como Orígenes, João Crisóstomo, Jerônimo, Agostinho, Bernardo de Claraval, Tomás de Aquino e muitíssimos outros. Disponíveis também estavam nesta biblioteca, além desses escritores e pensadores da Antiguidade e da Idade Média, “obras de escritores mais recentes, dos séculos XVI e XVII, dedicadas aos comentários filosófico-teológicos e bíblicos”. Na sua grande maioria eram livros escritos ou traduzidos em latim, a “língua universal da educação e cultura”, principalmente para o catolicismo romano.<sup>39</sup>

Existe grande dificuldade em se “reconstituir” a composição exata das bibliotecas constituídas ao longo dos anos pelos jesuítas em seus colégios. Isso se deve, em parte, ao fato de que os livros foram em grande parte, depois da expulsão dos jesuítas por Pombal no XVIII, “distribuídos por inúmeras famílias”, não havendo registros dessas doações, tendo sido usados até mesmo como “papel de embrulho” por boticários. Além disso, a “grande maioria dos documentos primários mais expressivos para a história da Companhia, inéditos e arquivados”, estarem em instituições européias. Assim, tomou-se como pressuposto para se conhecer melhor a composição das bibliotecas jesuíticas coloniais as listagens das obras utilizadas nos cursos lá ministrados.<sup>40</sup> Através das notícias que temos do que estava sendo ministrado nestes cursos dos colégios dos jesuítas<sup>41</sup> podemos deduzir que esse disponível arsenal de obras seria fundamental para a composição do pensamento vieiriano, ajudando-o a compor sua instrução calcada nos mais profundos dogmas cristãos, mas também em constante contato com a cultura “pagã” clássica, mesmo obtendo seus

<sup>39</sup> Magno VILELA, op. cit., p. 45.

<sup>40</sup> Luiz Felipe Baêta NEVES, *Vieira e a imaginação social jesuítica: Maranhão e Grão-Pará no século XVII*, op. cit., p. 279.

<sup>41</sup> A listagem das obras utilizadas nas disciplinas dos colégios jesuítas na América Portuguesa está enunciada na grandiosa obra de Serafim Leite sobre a Companhia de Jesus nessa região. Ver: Serafim LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 1938-50.

ensinamentos num mundo onde a grande maioria apresentava-se como “iletrada”.<sup>42</sup>

No âmbito dogmático, foi através da Companhia de Jesus que Vieira recebeu seus ensinamentos religiosos, ajudando a compor até mesmo sua visão política e social.<sup>43</sup> Os jesuítas, enquanto Ordem religiosa, emergem do meio religioso no momento em que a Igreja com base em Roma e no Papa, procurava reformar-se e responder à expansão “protestante” nos mais diversos e variados confins da Europa.<sup>44</sup> Os jesuítas estavam diretamente ligados ao Papa, através do voto de obediência. Essa ordem acabou sendo a principal animadora desse movimento reformador cristão.<sup>45</sup> A vocação inata dessa ordem religiosa para agir no bojo da contra-reforma, impõe-se na luta pela afirmação da palavra divina num contexto de cisão da verdade religiosa. Pedagogia e catequese são os parâmetros principais da ação jesuítica.<sup>46</sup>

No contexto do pensamento dos séculos XVI e XVII, onde havia uma grande discussão acerca do livre arbítrio, tema que apaixonava grande parte dos homens letrados desse período, os jesuítas se apresentam como os “verdadeiros continuadores do otimismo antropológico dos humanistas”.<sup>47</sup> Ao refazer a história da Companhia de Jesus percebe-se, segundo destaca Beatriz Santos que,

---

<sup>42</sup> “Nas suas grandes linhas, assim era a organização oficial da formação dos jesuítas brasileiros no século XVII: onze anos de preparação de estudos, de formação moral e religiosa”, baseada principalmente em estudos de retórica, filosofia e teologia. E, no caso do jesuíta das terras brasílicas era seu dever empenhar-se na “conversão dos gentios”, dos índios e negros africanos reduzidos à escravidão. In: Magno VILELA, op.cit., p. 48-50.

<sup>43</sup> Através dos ensinamentos de Inácio de Loyola — o fundador, no século XVI, da Companhia de Jesus —, as bases das principais premissas da ordem jesuítica foram construídas. Uma delas é a “busca da ordenação”, uma constante na espiritualidade inaciana. In: Leandro KARNAL, *Formas de representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*, p. 42.

<sup>44</sup> E para conter o avanço protestante também nas terras do Novo Mundo, a Companhia de Jesus representará o pulso forte da cristandade romana nas Américas. Foi sobretudo através das missões que o “espírito da Contra-Reforma penetrou nas colônias ibéricas”, antes mesmo que o Concílio de Trento encerrasse suas atividades. “Ao Brasil chegou pela voz dos jesuítas liderados por Nóbrega, ansiosos para iniciar a conversão das gentes do trópico”. Segundo Ronaldo Vainfas, os jesuítas procuraram incessantemente “ajudar a salvação e perfeição dos próximos, e não apenas zelar pelas próprias almas. Tridentinos *avant la lettre*, não por acaso viriam gozar de enorme prestígio junto à Cúria romana.” In: Ronaldo VAINFAS, *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*, p. 27-28.

<sup>45</sup> Os jesuítas “chegavam com um ânimo novo, dispostos a cumprir os grandes objetivos fixados por sua Constituição ou Regra, que eram principalmente os seguintes: “o progresso das almas na vida e na doutrina cristã, a propagação da fé pelo ministério da palavra [ou pregação], pelos exercícios espirituais e obras de caridade, em particular pela instrução cristã das crianças e dos ignorantes.” In: Magno VILELA, op. cit., p. 43.

<sup>46</sup> Beatriz Catão Cruz SANTOS, op. cit., p. 25.

<sup>47</sup> Luís PALACIN, *Vieira e a visão trágica do barroco*, p. 40.

partindo do exemplo de seu fundador, a “ênfase dada à intervenção no mundo e à afirmação de uma religiosidade humanizada” representa um dos traços definidores e sempre conservados pelos membros dessa ordem.<sup>48</sup>

Foi através da Companhia, como dissemos, que Vieira recebeu sua formação jesuítica, aos moldes em que Santo Inácio a formulou.<sup>49</sup> Desta ordem cristã, advém a raiz e o fundamento de toda a vida religiosa e sacerdotal futura de Vieira. Inácio de Loyola, criador da Ordem jesuítica, e sua Companhia, apresenta-se como um dos principais expoentes da Igreja do período do Renascimento. Igreja esta desafiada tanto pela nova mentalidade humanista, quanto pelo Protestantismo que crescia na Europa e também pelas necessidades de evangelização das recentes incorporações e conquistas dos portugueses e espanhóis no além-mar. Tendo-se idéia desse contexto, pode-se imaginar com mais clareza a premissa de que a Companhia de Jesus teria sido fundada não apenas para a salvação e perfeição dos seus membros, mas também para se dedicar à salvação e perfeição dos outros, uma tarefa que incluía o “resgate” das almas do Novo Mundo.<sup>50</sup>

No período do Noviciado — primeira etapa religiosa dentro da Companhia de Jesus — Vieira faz seus votos, como faria em qualquer outra ordem a que ingressasse em seu tempo. Nesse período o jesuíta dedica-se durante dois anos a exaustivas leituras da Sagrada Escritura, dos “documentos da tradição de sua ordem, escritos e cartas de Santo Inácio e dos primeiros companheiros e os autores espirituais”.<sup>51</sup>

Estavam se constituindo em Vieira os elementos que iriam combinar para a construção do futuro “soldado de Jesus”. Santo Inácio e a Companhia velavam por uma formação que desse conta de construir, através de uma série de “provas”

---

<sup>48</sup> Beatriz Catão Cruz SANTOS, op. cit., p. 25.

<sup>49</sup> Segundo os comentários existentes no primeiro volume dos Sermões de Vieira, compilados por Alcir Pécora, acerca do “Sermão de Santo Inácio”, pregado por Vieira em Lisboa, no Real Colégio de Santo Antão, no ano de 1669, pode-se perceber, através das premissas de Vieira, que Santo Inácio representa a “síntese de todos os patriarcas das demais ordens religiosas”, “superior a todos (como a Companhia de Jesus é superior a elas, no propósito de reforço da Igreja contemporânea)”. Com isso, “a síntese efetuada por Santo Inácio produz a Companhia como ‘exemplo’ ou resposta salvífica a todos os homens, bem como resposta política a todas as ‘ordens’ ou ‘estados’ sociais dos reinos”. In: A. VIEIRA, *Sermões*, organização e introdução Alcir Pécora. p. 120.

<sup>50</sup> António Vaz PINTO, *A Imagem de Deus na obra e acção do Padre António Vieira*, p.17.

<sup>51</sup> Idem.



ou de experiências, a obrigação do missionário em passar da “oração à acção”, da “teoria à prática”, do “sonho à experiência”.<sup>52</sup> Após o noviciado, seguem-se longos anos de formação dentro da Companhia, o estudo de humanidades e de filosofia, de teologia, da ordenação sacerdotal e a definitiva incorporação na ordem, a chamada “*schola affectus*”, como denominava Inácio de Loyola. Este último elemento da formação do jesuíta, significava um “regresso às origens”, uma espécie de segundo noviciado, posterior à longa formação humana, filosófica e teológica do missionário jesuítico.<sup>53</sup>

## 5. Alguns estudos sobre a obra de Vieira

A vasta obra de Vieira ainda apresenta-se, no início do XXI, como caracterizada por uma produção de muitas imagens consolidadas ao longo dos anos. Mas apesar de sua amplitude, ou talvez mesmo por conta disso, ainda representa uma obra “dispersa, cidadíssima e mal conhecida”.<sup>54</sup> Segundo Pécora, os textos deixados por Vieira apresentam-se dispersos em várias bibliotecas europeias, pesando até mesmo sobre parte desses escritos a controvérsia acerca da autoria vieiriana ou não. Somente alguns sermões e o chamado *Livro Antepimeiro da História do Futuro* gozam de edições críticas de valor reconhecido.<sup>55</sup> Assim como a obra, extensa e vasta, as análises sobre o pensamento e a vida de Vieira espelham a grandiloquência de seus escritos. As análises sobre este jesuíta variam em números grandiosos. Principalmente em

---

<sup>52</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>54</sup> Alcir PÉCORA, op. cit., p. 40.

<sup>55</sup> Segundo Luiz Felipe Baêta Neves, em sua última obra publicada, confirmando as colocações de Alcir Pécora, “uma análise da obra de Vieira traz obstáculos de difícil previsibilidade. Há uma *extraordinária multiplicidade de textos* que, além de numerosíssimos, apresentam características de diversidade e, mesmo, de disparidade impressionantes. A memória comum registrou ‘os sermões’, mas há uma grande quantidade de cartas, textos diversos de caráter normativo, político, administrativo etc. E, ainda, a defesa perante a Inquisição, para não falar de seus livros utópico-milenaristas sobre a futura história universal e o preponderante (e místico) papel que atribuíu a Portugal. (...) Esta soma... de diferenças dificulta e retarda o processo analítico, que deve, ainda, procurar estabelecer as relações dos textos e das ‘coisas’, e de ambos com a trajetória do autor, cheia de mudanças bruscas e experiências muito variadas - aqui e na Europa”. In: Luiz Felipe Baêta NEVES, op. cit., p. 28.



relação ao sermônário e a composição de suas missivas.<sup>56</sup> Mas, por outro lado, parte da produção deste jesuíta ainda se ressentia de aprofundamento mais verticalizado, como é o caso da própria *História do Futuro*.<sup>57]</sup>

Nesse sentido, compor uma análise da *História do Futuro*, assim como analisar grande parte de outros escritos vieirianos, apresenta-se como um caminho árduo, devendo ser seguido com cautela. Deve-se alertar para a enormidade das análises da obra de Vieira ao longo dos séculos. Sua obra apresenta-se como um complexo e interessante objeto de estudo, com muito ainda por ser comentado e complementado.

Muitos autores, no intuito de tentar uma análise sobre a obra vieiriana optaram por buscar elementos que muitas vezes estavam mais próximos da realidade em que esses autores escreviam do que de uma composição mais lúcida e coerente com o momento contemporâneo a Vieira. Características restritas e pouco elucidativas foram atribuídas à obra vieiriana e, muitas vezes, pouco acrescentaram para uma análise mais profunda dos seus escritos. O jesuíta, como apresentado por João Lúcio de Azevedo, chega a ser considerado um autor compelido ao “desvario”, que apesar de possuir um “intelecto de primeira grandeza”, pecava sob a ótica racionalista em sua enorme crença no maravilhoso, “na sugestão contínua do milagre”, levando-o a uma “falha incontestável no equilíbrio mental”.<sup>58</sup>

Apesar de parecer concordar com Azevedo em alguns aspectos, Luis Gómez Palacín reitera argumentações mais apropriadas e melhor calcadas sobre Vieira. Segundo Palacín, a estrutura lógica da argumentação de Vieira leva o leitor da obra deste jesuíta, principalmente dos sermões, ao estado de surpresa devido ao uso contínuo de “procedimentos aparentemente contraditórios”. Palacín denuncia este caráter de aparência contraditória. Segundo ele, o sermônário

---

<sup>56</sup> Mesmo sendo muitos os estudos analíticos sobre a obra de Vieira. Ainda hoje muito se pode analisar sobre a produção vieiriana. Um exemplo disso enunciou Sônia N. Salomão ao compor sua edição do texto *As lágrimas de Heráclito*, originalmente em italiano. Segundo a autora, “o texto conhecido como *As lágrimas de Heráclito* é exemplo eloquente da situação precária em que ainda se encontra a obra do padre Antônio Vieira, do ponto de vista crítico-filológico e histórico-literário”. In: Antônio VIEIRA, *As lágrimas de Heráclito*, Fixação dos textos, introdução e notas de Sonia N. Salomão, p. 07.

<sup>57</sup> Na tentativa de suprir essa “defasagem” debruzei-me em minha dissertação de Mestrado sobre a análise da *História do Futuro* de Vieira. Ver: L. G. PINHO, *O Futuro inacabado: a construção vieiriana da História do Futuro*.

vieiriano apresenta-se como portador de uma “observação extremamente precisa da realidade e uma lógica racionalista ao extremo, aliadas ao uso contínuo da metáfora e da alegoria com o mesmo, ou maior, valor probatório que os fatos comprovados”.<sup>59</sup>

Ao discorrerem sobre a obra vieiriana, diferentes autores construíram edifícios paralelos, que apesar de deterem olhar privilegiado por estarem erguidos lateralmente à obra como objeto de estudo, acabaram por desviarem-se demais das colunas vertebrais que sustentavam o escopo da obra do jesuíta em questão. Numa tentativa de minorar as barreiras encontradas em grande parte pela imensidão dos escritos vieirianos, muitos autores que elegeram a obra de Vieira como seu foco de estudo acabaram por fragmentar e setorizar em demasiado seus recortes analíticos. De tal forma que, em alguns casos, não reconhecemos muitas vezes o todo pelas partes, devido à excessiva fragmentação do objeto.

Nesse caso específico, podemos citar a obra de João Lúcio de Azevedo, sua *História de Antônio Vieira*. Para compor sua citadíssima biografia do jesuíta em questão, Azevedo dividiu vida e obra em seis períodos, fragmentando excessivamente uma construção analítica sobre Vieira. Com intenções de apresentar a imensidão da vida e obra do padre jesuíta de forma mais prática e inteligível de se conhecer, Azevedo acabou por construir uma setorização e fragmentação muito grande do objeto. Segundo ele, poderíamos dividir a vida de Vieira da seguinte maneira: de 1608 a 1640, encontraríamos o Vieira “religioso”; de 1641 a 1650, teríamos o Vieira “político”; de 1651-1661, o Vieira “missionário”; de 1662-1668, poderíamos encontrar o Vieira “vidente”; seguido pelo período de 1669 até 1680, pelo Vieira “revoltado”; culminando com o Vieira “vencido”, de 1681 até 1697.<sup>60</sup>

Apesar de esmiuçar detalhadamente a trajetória biográfica do jesuíta, João Lúcio do Azevedo deixa uma visão estereotipada e reduzida da grande vastidão da vida e obra de Vieira. Uma vez entendendo a trajetória de Antônio Vieira como a apresentada por este autor dificilmente conseguiríamos conceber uma visão mais totalizante acerca de sua vasta obra. Essa excessiva fragmentação não

---

<sup>58</sup> João Lúcio de AZEVEDO, *A evolução do sebastianismo*, p. 86 apud Luis Gómez PALACÍN, *Vieira: entre o reino imperfeito e o reino consumado*, p. 90-91.

<sup>59</sup> Hernani CIDADE, *Padre Antônio Vieira*, estudo biográfico e crítico, p. 166 apud Luis Gómez PALACÍN, *ibidem*, p. 91.

contribui para uma visão bem calcada e com alicerces seguros que nos deixe ver em toda a obra e vida do jesuíta um fio condutor permeável a esta grande produção do século XVII luso-brasileiro. Apesar disso, muitos autores que enfocaram Vieira em seus estudos reproduziram fidedignamente esse esquema de Azevedo.

Não se deve “destruir” todas as reflexões feitas ao longo dos 300 anos em que a obra desse jesuíta esteve sob análise. Muitas vezes o que o estudioso da obra de Vieira pode fazer é enunciar somente uma ponta de um gigantesco “iceberg”, em vista do numeroso volume que representa as obras analíticas sobre Vieira. Espero acrescentar críticas que possam ampliar nossa visão deste destacado padre dos seiscentos. Nesse sentido, deve-se dar destaque às construções realizadas sobre a obra do jesuíta que tenham conseguido ao mesmo tempo aprofundar e analisar de forma consciente sem excessivas textualizações apologéticas e reducionistas. Sendo assim, revisitando sempre que necessário os textos de diferentes autores que centralizaram suas análises sobre a obra do padre Antônio Vieira, é necessário não ignorar proposições que possam contribuir para a composição de uma análise da obra desse jesuíta.

Assim, algumas obras se destacam. A primeira delas, e talvez, uma das mais expressivas sobre o tema do sermão vieiriano, viria através do texto de Alcir Pécora, *Teatro do Sacramento*. De acordo com João Adolfo Hansen, comentando esta obra, a “unidade teológico-político-retórica” — característica das “práticas do Estado ibérico absolutista em luta contra a heresia luterana, judia e maometana, o ateísmo maquiavélico e a universal Babel das gentes gentias que não ouviram o Ditado”<sup>61</sup> — enunciada por Pécora aos sermões de Vieira, traz à tona uma abordagem crítica e historicamente até então pouco vista pela literatura que analisa a obra vieiriana. Através de uma construção lúcida, detalhada e unificante, revela um *corpus* que parte da “unidade” e com isso, esbarra na “universalidade” e inteireza da construção de Vieira.

Apesar dessas colocações de Hansen sobre Pécora, em certo sentido a abordagem dada por João Adolfo Hansen à obra de Vieira distancia-se da realizada por Pécora. Segundo Hansen, não existe em Vieira “o Barroco”, nem

---

<sup>60</sup> João Lúcio de AZEVEDO, *História de Antônio Vieira*.

<sup>61</sup> João Adolfo HANSEN, *Prefácio*, in: Alcir PÉCORA, op. cit., p. 23.

“uma unidade *dada* de um estilo ou de uma mentalidade produzidos muito depois”, mas sim “retóricas múltiplas, casuísmos infundáveis que disputam o monopólio do discurso verdadeiro, pretendendo todas a exclusividade da fundamentação da Potência Soberana”.<sup>62</sup> Nesse caso, as perspectivas do Barroco preexistem a Vieira, que em sua multiplicidade, apresenta-se como um exemplo modelar deste estilo. De acordo com essa análise haveria no Barroco uma tendência evidente na “concepção alegórica do mundo e da história” que levaria ao sentimento obscuro de que a natureza e a vida estariam presas à morte. A alegoria presente no Barroco estaria sempre além — “não pertencendo essencialmente à ordem mundana da história, nem se dando total na natureza, sequer revelada toda na linguagem” —, como verdade ainda não consumada de modo absoluto no tempo, vindo a ocorrer no Dia do Juízo. Sendo assim, Hansen enuncia Vieira como portador de um “estilo do Céu”, fruto da máxima influência dos Escritos Sagrados na obra do jesuíta, e que, ao expressar suas idéias, as compunha em forma de “xadrez de palavras”.<sup>63</sup>

Sob o foco do Barroco e a análise da obra de Vieira, outro texto de grande importância revela-se na construção sobre este jesuíta feita por Margarida Vieira Mendes, *A oratória barroca de Vieira*. Com uma análise pluridimensional, a autora deste trabalho coloca, através de uma renovada interpretação do “barroco”, enunciações que tentam dar conta da “vitalidade e paixão” com que Vieira abordou diversos temas em sua obra. Segundo ela, as idéias de Vieira formam um jogo com significação lingüística e retórica que conduzem “à edificação de uma subjetividade que surge materialmente no discurso”.<sup>64</sup>

Já para Alfredo Bosi a obra vieiriana é exposta a uma análise mais geral que não se aproxima dos levantamentos esboçados por Hansen e Mendes, autores que destacaram as características ou presença do Barroco nos enunciados do jesuíta. De acordo com Bosi, Vieira apresenta-se, em certo sentido, como agente de um sistema maior, o da “colonização”. Segundo Bosi, ao analisarmos a obra de Vieira:

---

<sup>62</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>63</sup> João Adolfo HANSEN, “Vieira, estilo do Céu, xadrez de palavras”, p. 178.

<sup>64</sup> Margarida Vieira MENDES, *A oratória barroca de Vieira*, p. 17.

É preciso considerar o óbvio que a ação de Vieira se deu em pleno antigo regime, antes que a crítica das Luzes começasse a arranhar a metafísica social incrustada nos estamentos. Vieira falava a um auditório para o qual o nobre era ontologicamente nobre; o clero, clero in aeternum; o vilão, vilão; o cristão, cristão; o judeu, judeu. Assim quisera a vontade divina, assim o estabelecia a natureza das coisas.<sup>65</sup>

Sob o aspecto político, Bosi analisa a obra de Vieira, ou mais especificamente o discurso de Vieira em seu sermonário, destacando o próprio empenho político do jesuíta. Segundo Bosi, este jesuíta via-se obrigado a “induzir os ouvintes a uma reestruturação conceitual de valores” e também uma “redistribuição das pessoas e dos grupos”. Questões como “quem é nobre?”, “quem não é?” estariam diretamente ligadas à prática política de Vieira através de sua oratória.<sup>66</sup> Além disso, Bosi reflete sobre as duas frentes, movimentos estes também dialéticos, que enfim estariam presentes na vida e obra de Vieira. O universalismo assentaria suas raízes em “duas realidades historicamente díspares”. De um lado, as idéias de Vieira estariam permeadas pelo que Bosi chama de “sistema nacional-mercantil”, e por outro, pelas “propostas de fraternidade contidas no Evangelho”.<sup>67</sup> Aos olhos de Bosi a dialética da construção vieiriana criaria um discurso “agônico e torcido”, levando-nos a imaginar que a cultura contemporânea ao jesuíta nada tinha de homogênea nem estática.<sup>68</sup>

Em outra frente de análise, traduzindo a obra vieiriana como um “esforço intelectual” que, articulando-se a diferentes formas de ação, acabou por gerar “a alteração de quadros históricos julgados inconvenientes para a propagação dos ideais cristãos na terra”, Luiz Felipe Baêta Neves discute em sua obra sobre o jesuíta luso-brasileiro em questão, *Vieira e a imaginação social jesuítica*, questões de importantes referências para a composição de uma visão da ação missionária de Vieira, expressa nas obras deixadas pelo jesuíta. Baêta Neves analisa questões como a inserção da obra vieiriana no universo da instituição e

<sup>65</sup> Alfredo BOSI, “Vieira ou a cruz da desigualde”. In: \_\_\_\_, *Dialética da colonização*, p. 123.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 124.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 128.

pedagogia jesuíta para o Brasil do século XVII, compondo, com isso, uma tentativa de esmiuçar a “imaginação social de Vieira”, que envolvem características como a visão deste jesuíta sobre o poder, o saber, a língua e a questão da escravidão indígena.<sup>69</sup> Nesse sentido, o de analisar a produção de Vieira sob o ângulo antropológico da ação missionária do jesuíta, as questões colocadas por Baêta Neves, aproximam-se talvez mais das colocações de Bosi, do que de Pécora, Hansen ou Margarida Mendes.

No âmbito da análise do conteúdo milenarista, messiânico e sebastianista da construção vieiriana, a produção de Raymond Cantel é de grande relevância em se tratando dos estudiosos que embarcaram sobre estes tópicos proféticos para a compreensão da obra de Vieira, servindo como referência aos mais diversificados estudos sobre a obra de Vieira. Cantel ressaltou que os aspectos utópicos e milenaristas de Vieira estariam presentes em toda a sua obra, não somente na *História do Futuro*. Em sua análise, Cantel aprofunda-se no tratamento de aspectos desta obra de Vieira que, mesmo intensificados e enormemente discutidos pelo jesuíta nesta obra específica, também encontram ressonância em muitos outros aspectos de toda a obra do jesuíta.<sup>70</sup>

## Conclusão

As análises sobre Vieira são muito variadas, bem como as perspectivas atribuídas nestas análises à produção intelectual e à ação missionária deste jesuíta. Mas muito além deste diagnóstico, pode-se destacar que, devido à enormidade e à complexidade da produção vieiriana, torna-se complicado unificar uma análise que dê conta de explicar toda a produção discursiva de Vieira. Com isso, haveria um Vieira no estilo e nas pretensões mais no jesuíta no fim da vida (que tenta refazer suas obras para serem publicadas) e nas principais abordagens sobre Vieira na atualidade, do que no Vieira de cada escrito e de cada momento. De acordo com as obras analíticas da produção jesuítica que examino aqui,

---

<sup>68</sup> Ibidem, p. 124.

<sup>69</sup> Luiz Felipe Baêta NEVES, op. cit., p. 15.

<sup>70</sup> Raymond CANTEL, *Prophétisme et messianisme dans l'oeuvre d'Antonio Vieira* apud Luiz Felipe Baêta NEVES, op. cit., p. 22.

encontrar um “veio” comum que permeia toda a obra de Vieira parece-nos objetivo muito mais presente na tentativa dele mesmo, em fins de sua vida, ao tentar editar suas obras e dos muitos analistas atuais dos escritos vieirianos, do que se vê na pluralidade de sentidos e objetivos que abarcaram a produção de Vieira ao longo de sua extensa vida.

Assim, como disse anteriormente, sobrevivendo ao século que a produziu, a obra de Vieira chega até nós muito analisada e calcada por grande fragmentação analítica, muitas vezes até incompatíveis com a obra em si. Destaco a necessidade de se recorrer a grandes obras que elevaram a construção vieiriana como foco analítico. Mas o estudioso de sua obra não deve deixar de privilegiar primordialmente o texto do jesuíta como fonte principal. A amplitude — numérica e intelectualmente profunda — da obra de Vieira impede, muitas vezes, o pesquisador de enunciar generalizações, acabando por mostrarem-se incoerentes com o todo, apresentando uma visão pouco elucidativa das variantes contidas na construção do jesuíta.

Para compreender melhor a especificidade de todo texto, como o vieiriano, o pesquisador deve estar atento às continuidades e descontinuidades sempre presentes em todos os contextos históricos e em todos os pensadores, queiram ou não eles. Diversos indícios mostram, por exemplo, que os principais temas da construção “profética” (presente na *História do Futuro*) do jesuíta atrelavam-se a vários outros escritos deixados por ele em outros contextos e por toda a sua obra e vida. Com isso, o estudioso de Vieira deve estar atento especificamente à análise da obra ou obras que escolheu analisar, para noutro momento levantar discussões mais abrangentes que envolvam uma abordagem mais totalizante.

## **Referências bibliográficas**



- AZEVEDO, João Lúcio de. *A evolução do sebastianismo*. p.86. Apud. PALACÍN, Luis Gómez. *Vieira: entre o reino imperfeito e o reino consumado*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 90-91.
- AZZI, Riolando. *A cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BUESCU, M.L.C. Introdução. In: VIEIRA, António. *História do Futuro*. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s/d.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz/ Publifolha, 2000.
- CARITA, Rui. "O padre António Vieira e os colégios das Ilhas." In: *Oceanos*, p. 66-81.
- CASTELNAU-L'ÉSTOILE, Charlotte de. "Salvar-se, salvando os outros: o Padre António Vieira, missionário no Maranhão – 1652-1661". In: *Oceanos*, p. 55-65.
- HANSEN, João Adolfo. "Vieira, estilo do céu, xadrez de palavras". In: *Discurso 9*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979, p. 173-192.
- HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal - séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *1580-1600. O sonho da salvação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. "Sebastianismo". In: VAINFAS, Ronaldo (dir.). *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p.523-526.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- \_\_\_\_\_. *História geral da civilização brasileira: I - A época colonial*. Vol. 2. 7ª ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- KARNAL, Leandro. *Formas de representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- LEITE, Serafim. *O pe. Antônio Vieira e as ciências sacras no Brasil*. In: *Revista Verbum*. Rio de Janeiro: dezembro de 1944, tomo I, fasc.3-4, p. 257-279.
- LINS, Ivan. *Aspectos do padre Antônio Vieira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962.
- MENDES, Margarida Vieira. *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa: Instituto Português do Livro e da Leitura, s/d.

- NEVES, Luiz Felipe Baêta. *Vieira e a imaginação social jesuítica: Maranhão e Grão-Pará no século XVII*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- PALACÍN, Luis Gómez. *Vieira: entre o reino imperfeito e o reino consumado*. São Paulo: Loyola, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Vieira e a visão trágica do barroco*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.
- PAZ, Octavio. *Soror Juana Inés de la Cruz*. São Paulo: Mandarim, 1998.
- PÉCORA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo/Campinas: Editora da Unicamp/Edusp, 1994.
- PINHO, L. G. (2002), *O Futuro inacabado: a construção vieiriana da História do Futuro*. Dissertação de Mestrado em História, UNICAMP, Campinas.
- PINTO, António Vaz. A Imagem de Deus na obra e acção do Padre António Vieira. In: *Revista Oceanos*, Lisboa, n. 30/31, 1997, p. 10-24.
- RAMA, Angel. *Lettered city*. Durke: University Press, 1996.
- RUSSEL-WOOD, A.J.R. Centros e periferias no mundo Luso-Brasileiro, 1500-1808. In: *Revista Brasileira de História*, v.18, n. 36, 1998, p.187-249.
- SANTOS, Beatriz Catão Cruz. *O pináculo do temp(l)o: o sermão do Padre Antônio Vieira e o Maranhão do século XVII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- VAINFAS, Ronaldo (dir.) *Dicionário do Brasil Colonial 1500-1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- VIEIRA, António. *Apologia das coisas profetizadas*. Organização, Introdução e Fixação do texto por Adma Fadul Muhana. Lisboa: Cotovia, 1994.
- \_\_\_\_\_. *As lágrimas de Heráclito*. Fixação dos textos, introdução e notas de Sonia N. Salomão. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- \_\_\_\_\_. *História do Futuro*. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Livro Antepimeiro*. Edição crítica, prefaciada e comentada por José Van Den Besselaar. 2 v. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983.

\_\_\_\_\_. *Sermões*. Organização e Introdução Alcir Pécora. SP: Hedra, 2000. 2 vols.

VILELA, Magno. *Uma questão de igualdade: Antônio Vieira e a escravidão negra na Bahia do século XVII*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. IN: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.